

## O PADRE <sup>1</sup>

(À guisa de introdução)

*26 de Maio de 1918, durante uma licença, o Padre Teilhard de Chardin fez a sua profissão religiosa na capela do noviciado da sua província, em Saint-Foy-lès-Lyon (onde o noviciado se instalara dois anos antes, após anos de exílio em Inglaterra). Regressando à frente, na região compreendida entre Compiègne e Soissons, elabora O Padre, cuja redacção estava terminada a 8 de Julho. Escreveu efectivamente a sua prima, da floresta de Compiègne, a 9.*

Enviei-te ontem um caderno contendo O Padre (na 2.<sup>a</sup> parte do caderno, as primeiras páginas são ocupadas por notas pessoais, mais ou menos vagas, pelo que te peço desculpa). Dar-me-ás a tua opinião. Quando puder arranjar um caderno, farei uma 2.<sup>a</sup> cópia para o P.<sup>e</sup> Vulliez-Sermet, e, naturalmente, para Guiguitte. (*Genèse d'une pensée*, p. 276.)

*Três outras cartas aludem também ao Padre. Floresta de Laigue, 4 de Agosto: «Escrevo-te da própria floresta onde, há um mês, escrevi O Padre.»*

*Chavannes-sur-l'Étang (Alto Reno), 3 de Outubro de 1918:*

Antes de ontem, recebi uma carta do P.<sup>e</sup> Chanteur, em que me fala do Padre. Mais uma vez, ao invés do P. V.-S., todo ele é inquietação. Tem visivelmente medo (muito afectuosamente, de resto) de me ver soçobrar no Panteísmo...

Queria no entanto falar-te desta nova advertência que acabo de receber, para que também tu te não deixes embalar numa direcção um pouco perigosa — delicada, pelo menos. (P. 318.)

*Finalmente, de Foussemagne (Alto Reno), a 11 de Outubro:*

A divergência de apreciação do P.<sup>e</sup> Chanteur e do P.<sup>o</sup> Vulliez-Sermet explica-se mais facilmente do que tu julgas: apercebo-me de que o que é delicado, nos meus ensaios, não é a correcção brutal das fórmulas (fácil de salvar), mas a inspiração e a tendência. Reza para que seja sempre o bom Espírito a animar-me. (P. 322) <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> In "Escritos do Tempo da Guerra" (Tomo 12, Obras Completas), Teilhard de Chardin, ed. Presença, Lisboa, 1969 (os nos. de página referidos nas notas reportam-se a esta edição em português)

<sup>2</sup> (*Genèse d'une pensée*, pp. 292, 318, 322).— O Padre Vulliez-Sermet era dotado de um discernimento espiritual que lhe valia na sua ordem, e fora dela, uma autoridade reconhecida. Cf. Louis de Lavareille, s. j.: *A Vérole de saint Ignace et de saint François de Sales, Révérend Père Vulliez-Sermet, s. j., 1860-1942* (Lyon, 1944). O Padre Chanteur era então superior provincial de Lyon.

## 1. A CONSAGRAÇÃO

*Te igitur...*

Visto que não tenho hoje, Senhor, eu, vosso Padre, nem pão, nem vinho, nem altar, vou estender as minhas mãos sobre a totalidade do Universo, e tomar a sua imensidade como matéria do meu sacrifício.<sup>3</sup>

O círculo infinito das coisas não é a Hóstia definitiva que quereis transformar?

O cadinho efervescente onde se misturam e fervilham as actividades de toda a substância viva e cósmica, não é o cálice doloroso que desejais santificar?

Há uma forma de olhar o Mundo que nos não deixa ver nele senão uma soma de elementos díspares ou inimigos. Por toda a parte em torno de nós, segundo parece, a incurável separação e o antagonismo inato. Por toda a parte o vil misturado ao precioso – o trigo lado a lado com o joio. Por toda a parte a inutilidade, o refugio, o desperdício. Outorgaste-me, meu Deus, o dom de sentir, sob essa incoerência de superfície, a unidade viva e profunda que a vossa graça lançou sobre [subjacente à] nossa desesperadora pluralidade.

Permitistes que, superando a decepção das aparências, eu não pudesse lançar um olhar sobre as Coisas sem vislumbrar, antes e depois do seu esboroamento (mais real que a sua multiplicidade, e no entanto posterior a ela) o laço substancial em vias de se apertar, a alma de desejo em vias de se congregar.

Revelaste-me a vocação essencial do Mundo para se completar, por uma parte escolhida de *todo* o seu ser, na plenitude do vosso Verbo encarnado.<sup>4</sup>

Oh! que tensão inexprimível se exala, para quem sabe ver, da calma e dos jogos da criatura! A variedade e a mobilidade dos seres que encontramos pulveriza, aos nossos sentidos, o poder do Mundo. – No dia em que todos esses elementos de amor e de desejo aparecerem, confluindo numa aspiração comum, que torrente! e que choque!

Todo o mundo está concentrado, agitado, esperando a união divina... E no entanto o Mundo esbarra com uma barreira intransponível. Nada chega a Cristo que Este não capte e inclua em Si!

---

<sup>3</sup> Cf. *La Messe sur le Monde* (1923), no início: «Visto que, mais uma vez, Senhor, já não nas florestas de Aisne, mas nas estepes da Ásia, não tenho nem pão, nem vinho, nem altar...» Ao abade Henri Breuil, de Tientsin, a 30 de Dezembro de 1923: «Voltei a escrever um pouco..., uma nova edição, largamente modificada, da «Messe sur le Monde» (ou «o Padre») que escrevera durante a guerra – isto *ad usura privatum*, como é natural.» – A 28 de Julho de 1918, vinte dias depois de ter enviado o *Padre* a sua prima, escrevia-lhe: «Estamos agora em repouso... Posso dizer a minha missa.»

<sup>4</sup> Cf. *infra*, p. 282: «...Tal é o Pleroma do Mundo e de Cristo.» E na p. 291: «...em todo o Cosmos, de que sois a plenitude, oh Jesus!» É a ideia pauliniana de pleroma (*Col.*, I, 19; *H.*, 9), assim pelo menos a entendem numerosos exegetas. Entre eles Pierre Benoit, O. P., *Dictionnaire de la Bible, supplément*, fase. 36 (1961), col. 164: «Pode-se, com efeito, entender aqui... o «pleroma» não só da essência divina, mas de todo o universo: simultaneamente a divindade e o cosmos assumidos por intermédio do seu corpo. Cristo, Deus e Homem, pela Encarnação coroada pela Ressurreição, engloba na sua plenitude não só Deus que salva, não só os homens que são salvos, mas também todo esse quadro da humanidade que é o cosmos, incluindo as forças angélicas.» O R. P. Benoit aconselha, para mais pormenores, a leitura do artigo Pleroma, ainda por publicar.

Assim o Universo geme, preso entre a sua paixão e a sua impotência...<sup>5</sup>

Como sinto perpassar em mim, hoje, Senhor, o apelo da fatigada multidude que procura alcançar, no Divino, a sua ordem e o seu repouso!

Parece-me ouvir, surgindo de todas as criaturas — das que estão aprisionadas na matéria inerte — bem como das que despertam à luz da vida — e das que se movem na liberdade —, o lamento universal: «Tem piedade de nós, padre, se puderes. Dá-nos a nossa perfeição dando-nos o nosso Deus!»

Quem pois pronunciará, sobre a massa informe do Mundo, as palavras que lhe darão *uma alma*?

Que voz fará tombar, entre Deus e a Criação, o obstáculo que impede Este de se lhe unir? Que se repita ainda hoje, e amanhã, e para sempre, enquanto a transformação não estiver completamente esgotada, a divina Palavra: «Este é o meu Corpo.»

Quando Cristo, prolongando o movimento da sua Encarnação, desce no pão para o substituir, a sua acção não se limita à parcela material que a sua Presença vem, por um momento, volatilizar.

Mas a transubstanciação aureola-se de uma divinização real, embora atenuada, de todo o Universo.

Do elemento cósmico onde se inseriu, o Verbo actua para subjugar e assimilar a si todo O Resto.<sup>6</sup>

— Tomai nas vossas mãos, Senhor, e abençoai este universo destinado a alimentar e a rematar a plenitude do vosso ser entre nós!

Preparai-o para que se vos junte! Intensificai, para isso, a atracção que desce do vosso Coração sobre o nosso pó!

Nesse momento, Pai Todo-Poderoso, recolhendo em mim toda a aspiração que se ergue, para Vós, das esferas inferiores — consciente do Poder de desejo que procura escoar-se através das minhas palavras —, olhando para além da hóstia branca, e por intermédio dela — com todas as forças do meu desejo, da minha oração, do meu poder, — sobre todo o desenvolvimento e toda a substância — direi:

*Hoc est Corpus meum.*

---

<sup>5</sup> É a dupla afirmação da vocação sobrenatural da criatura e da sua impotência para realizar essa vocação por si própria. Nessa última fase, alusão a *Rom. VIII, 22: Omnis creatura ingemiscit*. Cf. *VIII, 19: Expectatio creaturae revelationem filiorum. Dei exspectat*.

<sup>6</sup> O P.º Teilhard ocupou-se mais de uma vez desta ideia das «extensões» da Eucaristia; não sem deixar de precisar que elas estão completamente «na dependência dela», «sob a irradiação da hóstia consagrada», «sob a influência da Hóstia» (*infra*), etc. Cf. *A Luta contra a Multitude* (1917): «Jesus Cristo pela atracção do seu amor e a eficácia da sua Eucaristia, reúne a pouco e pouco nele o poder de unidade difuso através da criação.» *O Meio Divino*, pp. 150-151: «Quando o padre diz estas palavras: *Hoc est Corpus meum*, a palavra cai directamente sobre o pão, e trans- • forma-o directamente na realidade individual de Cristo. Mas a grande operação sacramental não pára neste acontecimento local e momentâneo...»; e nas pp. 153-154: «Meu Deus, quando me aproximar do altar para comungar, fazei com que compreenda doravante as infinitas perspectivas ocultas sob a pequenez e a proximidade da hóstia onde Vos dissimulais.» Ainda em *O Crístico* (1955): «No olhar maravilhado do crente, é o próprio mistério eucarístico que se prolonga até ao infinito.» Cf. *supra*, a 2.» das *Histoires comme Benson, L'Ostensoir*.

Consumou-se. Mais uma vez, graças ao Padre, o poder plasmático do Verbo tocou o Mundo, para vencer o seu nada, a sua malignidade, a sua vanidade, a sua desordem.

Na direcção de Cristo convergem todas as mónadas imortais. — Mas cada mónada, por sua vez, é o centro parcial de todo o Cosmos, cuja rede a sustém, enquanto, simultaneamente, nela se apoia.

Devido a essa ligação, à qual *nada* escapa, sob o esplendor da hóstia consagrada, toda a Natureza vibra. Não há um átomo, por mais simples ou vicioso que seja, que não deva cooperar, pelo menos pela sua repulsa ou pelo seu reflexo, na realização de Jesus. Cada partícula, cada movimento, deve figurar com algo de si na Realidade definitiva de Cristo.

Subjacente a toda a substância, uma unidade orgânica se insinuou, por minha ordem, entre os elementos desconjuntados da Natureza. Sobreposta a qualquer actividade aparente, uma força dominante conduz agora os movimentos particulares para um desígnio superior:

A figura de Cristo aparece; precisa-se, no meio da nossa nebulosa de seres participados e de causas segundas.

O universo toma a forma de Jesus — mas, oh mistério, Quem se descobre, é Jesus crucificado!..<sup>7</sup>.

O pão sacramental é feito de grãos triturados e revolvidos. A sua massa foi longamente amassada. As vossas mãos, Jesus, o partiram, antes de o santificarem...

Quem poderá exprimir, Senhor, a violência a que foi sujeito o Universo, desde que caiu sob o vosso domínio!

Cristo é o agulhão que espicaça a criatura no caminho do esforço, da elevação, do desenvolvimento.

É o gládio que separa, sem piedade, os membros indignos ou corruptos.<sup>8</sup>

É a Vida mais forte, que mata inexoravelmente os egoísmos inferiores para chamar a si toda a sua capacidade de amar.

Para que Jesus penetre em nós, é necessário alternadamente o trabalho que dilata e a dor que mata, a vida que faz crescer o homem para que ele seja santificável, e a morte que o diminui para que ele seja santificado.

---

<sup>7</sup> Cf. carta de 30 de Julho de 1918: «Há uma oração que gosto de pronunciar, agora, porque resume bem aquilo que penso: *Jesu, sis mihi mundus verus*. «Que tudo o que há de eleito no Mundo, Jesus, seja a vossa influência sobre mim, e se torne mais Vós pelo meu esforço.» (*Genèse d'une pensée*, p. 290). A ideia será retomada em *Forma Christi*, no fim desse ano de 1918. «Em tomo do radioso sol de amor, que veio iluminar o Mundo, estende-se até ao infinito uma «coroa», raramente apercebida», e no entanto já sede da acção envolvente e unificadora do Verbo encarnado.»

<sup>8</sup> Cf. *infra*, p. 282, uma segunda alusão à danação. *O Meio Divino*, p. 187: «O Meio divino total constitui-se pela incorporação de todo o espírito eleito em Jesus Cristo. Mas quem diz eleito, diz escolha, selecção... Justamente porque é Aquele que une, Ele (Jesus) é também Aquele que separa e que julga. Há a boa semente,... mas há também o joio; há os bodes; há a esquerda do Juiz; há a porta fechada; há o exterior sombrio; há, nos antípodas das chamadas que unem no amor, o fogo que corrompe no isolamento. O processo completo de onde nasce gradualmente a nova Terra é uma *agregação* a que se alia uma *segregação*, etc.» Cf. *Le Milieu divin*, p. 196: «...em Cristo ou fora de Cristo (mas sempre sob influência de Cristo)...»

O Universo fende-se; cinde-se dolorosamente no seio de cada mónada, à medida que nasce e cresce a Carne de Cristo. Como a Criação, que ela resgata e excede, a Encarnação, tão desejada, é uma temível operação; faz-se pelo Sangue.

Que o sangue de Jesus (o sangue que se infunde e o sangue que se espalha, o sangue do esforço e o sangue da renúncia...) mistura-se à dor do Mundo!

*Hic est calix sanguinis mei...*<sup>9</sup>

## 2. A ADORAÇÃO

*Unde et memores...*

Como uma chama interior — aqui livre, viva e luminosa, além obscurecida mas ainda ardente sob a cinza que desprende — o Divino ilumina, agora, para mim todas as coisas pelo seu interior.

Misturado na atmosfera totalmente criada, Deus rodeia-me e assedia-me.

Ajoelho-me, Senhor, diante do Universo, secretamente tomado, sob influência da Hóstia, o vosso Corpo adorável e o vosso Sangue divino.

Prostro-me na sua presença, ou antes, melhor, *nele me recolho*.

O Mundo está cheio de vós!...

Oh Cristo-Universal, verdadeiro fundamento do Mundo, cuja consumação consiste na repleção de tudo quanto o vosso poder fez surgir do Nada, adoro-vos e absorvo-me na consciência da vossa plenitude universalmente difundida.

Essa plenitude, meu Deus, longe de vo-la conferir, como partes que se adicionam numa soma, somos nós que *a experimentamos*.

Sendo a vossa vida mais forte que a nossa é ela que nos domina, e nos absorve, e a si nos assimila.<sup>10</sup>

Não somos os elementos cuja aglomeração vos constitui, mas o alimento que mantém o vosso fogo.

A vossa consumação completa-nos mais, do que resulta dos nossos desenvolvimentos.

— E no entanto, Mestre, acontece que somos a base necessária à vossa extensão.

Não nos aniquilais quando nos invadís. Mas guardais ciosamente o cerne das nossas

---

<sup>9</sup> Todo este parágrafo expõe o simbolismo do pão e do vinho: trabalho-dor; vida-morte; alegria-dor..., ou seja, actividades e passividades. Cf. 26 de Agosto de 1923: «Continuo a elaborar pouco a pouco, um pouco melhor, orando, a minha «missa sobre as coisas». Parece-me que em certo sentido a verdadeira substância a consagrar diariamente é o acréscimo de mundo nesse dia — simbolizando bastante bem o pão aquilo que a Criação consegue produzir, e o vinho (sangue) aquilo que ela faz perder em esgotamento e sofrimento no seu esforço.»

<sup>10</sup> É o célebre pensamento de Santo Agostinho: *Panis sum fortium, nec tu me mutabis in te, sed tu mutaberis in me*. Ver ainda *infra*, p. 283: «Se alguma vez imaginei... etc.» Pensamento análogo, a propósito de morte, em *Le Milieu divin*, p. 96: «Oh Energia do meu Senhor, Força irresistível e viva, visto que, de nós dois, sois infinitamente o mais forte, a Vós compete abrasar-me na união que deve fundir-nos conjuntamente.»

qualidades naturais para disso fazerdes o eixo, o núcleo, o suporte do vosso crescimento. — Pela vossa acção — que transforma e não destrói — tudo o que há de bom em nós passa, eternamente, para a perfeição do vosso Corpo.

Eis por que posso, doravante, sem sair de Vós, viver e trabalhar, *plenamente beatificado*.

Sois, Jesus <sup>11</sup>, o resumo e o cume de toda a perfeição humana e cósmica. Não há traço de beleza, encanto de bondade, elemento de força que não encontre em vós a sua expressão depurada e a sua coroação... Quando vos possuo, tenho verdadeiramente concentrada num único objecto a reunião ideal de tudo o que o Universo pode dar e fazer sonhar. O sabor único do vosso Ser admirável extraiu e sintetizou tão bem os gostos mais delicados que a Terra contém e sugere, que podemos agora, de acordo com os nossos desejos, encontrá-los um após outro, indefinidamente em vós, oh Pão que contendes todo o deleite! <sup>12</sup>

Plenitude Vós mesmo do ser criado (*plenitudo Entis creati*), vós sois também, Jesus, a plenitude do meu ser pessoal (*plenitudo entis mei*), e a de todos os vivos que aceitam o vosso domínio. Em Vós e em Vós apenas, como num abismo sem fundo, se podem lançar e expandir os vosso poderes — exprimir plenamente o seu valor — sem esbarrarem com qualquer limite ; — mergulhar no amor e no abandono, com a certeza de não encontrar nas vossas profundidades o escolho de qualquer defeito, o fundo de qualquer mesquinhez, a corrente de qualquer perversão.

Por Vós e só por Vós, Objecto total e adequado das nossas afeições, Energia criadora que sondais o segredo dos nossos corações e o mistério do nosso desenvolvimento, a nossa alma é despertada, sensibilizada, engrandecida, até ao limite extremo das suas latências. Sob a vossa influência, e apenas sob a vossa influência, finalmente, o invólucro de isolamento orgânico e de egoísmo voluntário que separa as mónadas, se funde, se quebra e a turba das almas se precipita para a união necessária à maturidade do Mundo. Assim, uma terceira plenitude associando-se às duas outras, vós sois, Jesus, num sentido muito real, o conjunto de todos os seres, que se abrigam e se encontram, unidos para sempre, nos laços místicos do vosso organismo (*Plenitudo entium*). No seio de Vós, meu Deus, melhor que em qualquer abraço, possuo todos aqueles que amo, iluminados pela vossa beleza, e iluminando-vos por sua vez com os raios (tão activos para os nossos corações) que de vós receberam e que vos reenviam. A multiplicidade de- sencorajadora dos seres, sobre a qual eu gostaria de actuar para os esclarecer e conduzir, aí está, reunida em vós, Senhor. Por vosso intermédio, posso tocar no íntimo de cada ser — e transmitir-lhe o que desejo — se souber orar a vós e se o permitirdes. <sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Como em *O Meio Místico* e noutros textos, o P.<sup>e</sup> Teilhard gosta de pronunciar o nome de «Jesus». O mesmo acontecerá diversas vezes mais adiante. Cf. p. 291: «Oh Jesus.»

<sup>12</sup> Alusão às palavras litúrgicas, tiradas das Escrituras: *Panem de caelo praestitisti eis, — Omne delectamentum in se habentem.*

<sup>13</sup> Doutrina clássica. Deus, que é «o seu próprio ser», é simultaneamente «o ser de todos». Pseudo-Dinis, *Hierarquia celeste*, IV, 1, (PG, 3, 177-178). Incompreensível, inacessível, é simultaneamente íntimo e próximo. «Princípio e raiz de

Nesse meio superior e místico, subitamente descoberto a meus olhos pela Consagração, os atributos mais opostos unem-se e confundem-se numa perfeição que ultrapassa os limites da nossa experiência.

À força de engrandecer num objectivo cada vez mais amplo (ou seja, o Corpo de Cristo, único termo essencial de todo o Esforço criado), o apego ao que a Terra nos oferece de saudavelmente atraente desprende-se da demanda egoistamente pessoal, e identifica-se com um rigoroso desapego.<sup>14</sup>

À força de se aproximarem, cada qual segundo a sua natureza particular, do Centro comum das coisas, os elementos desembocam numa unidade que os absorve consumindo-os. O cuidado com que se diferenciam é, na realidade, a medida e o instrumento da sua identificação última.

À força de se diminuírem *in Christo Jesu*, os que se mortificam, sofrem, envelhecem, com paciência, transpõem o limiar crítico em que a morte se inverte em vida. À força de se esquecerem, encontram-se, para não mais se perderem.<sup>15</sup>

Cristo ama-se como uma Pessoa, e impõe-se como um Mundo.<sup>16</sup>

Há a certeza de Cristo se completar. Está ao abrigo do sofrimento. Está já ressuscitado. E no entanto, nós, os seus membros, prosseguimos na humildade do temor, e na excitação do perigo, na compleção de um elemento que o Corpo místico não pode ter *senão* de nós. A nossa paz acompanha-se da exaltação de criar no risco uma obra eterna que não existirá sem nós. A nossa confiança em Deus anima-se e endurece no entusiasmo humano pela conquista da Terra.<sup>17</sup>

Vida e Morte, unidade e pluralidade, elemento e totalidade, posse e procura, ser e

---

toda a criatura», é o Ser presente por excelência. Cf. S. Bernardo, *De consideratione*, 1. 5, c. 6, n. 13: *Quid item Deus? – Sine quo, nihil est. Tam nihil esse sine ipso, quam nec ipse sine se potest. Ipse sibi, ipse omnibus est. Ac per hoc quodammodo ipse soñus est, qui suum ipsius est et omnium esse* (PL. 182, 796 A; *Opera*, ed. Jean Leclerc, v. 3, 1963, p. 477); cf. *In Cantica sermo* 4, n. 4 (P L, 183, 708 AB; *Opera*, v. I, 1957, p. 23).

<sup>14</sup> Cf. *Forma Christi*: Já «o esforço de apego espiritual ao Universo natural põe grandes exigências e impõe às almas fiéis uma rigorosa austeridade». *Ibid.*: «Muito frequentemente (a maioria das vezes) as duas fases de apego e desapego são *fundidas* na realidade concreta (a unidade psicológica) de um único *esforço desinteressado*. Quando o Homem trabalha no sentido de se desenvolver para Deus (para ser mais capaz de Deus), simul- tâneamente, pelo mesmo acto, a sua alma personaliza-se *in se*, e despessoaliza-se *in Christo*.» Ver também, *supra*, *O Meu Universo*.

<sup>15</sup> É a doutrina que será mais longamente exposta na segunda parte do *Milieu divin*: Divinização das passividades. Ver também *la Signification et la valeur constructrice de la souffrance* (1933) e *L'Energie spirituelle de la souffrance* (1951) (*Œuvres*, v. 6 e v. 7).

<sup>16</sup> Fórmula muito teilhardiana. Exprime a ideia pauliniana de Pleroma.

<sup>17</sup> Esta alínea exprime simultaneamente a segurança do cristão, que lhe vem da sua fé e da sua esperança — pois Cristo ressuscitado é definitivamente vencedor —, e a sensação do risco corrido por tudo o que não está ainda integrado no Corpo místico de Cristo. A nota original que particulariza aqui essa dupla sensação do cristão é que a sensação de risco comporta, ela própria, um duplo elemento: um humilde receio — e a excitação, o entusiasmo que suscita a visão do perigo.

devir..., tal é o Pleroma do Mundo e de Cristo.

Só o pecado é excluído. E ainda, visto que o condenado às penas eternas não é aniquilado, quem poderá saber que misterioso complemento não será fornecido ao Corpo de Cristo pelo imortal Desperdício?...

*Per quem omnia creas, vivificas, sanctificas... in Eo vivimus et movemur et sumus .*<sup>18</sup>

### 3. A COMUNHÃO

*Panem caelestem accipiam...*

Assim como não tenho direito, ao raciocinar sobre os Objectos exteriores, de me separar da sua sorte – assim também não posso escapar, no meu ser pessoal, ao Divino cuja invasão progressiva contemplo, por toda a parte em redor de mim.

Se alguma vez imaginei que seria eu a tomar o Pão consagrado e a alimentar-me dele, oh! a que luz me apercebo agora que é ele, pelo contrário, que me prende e a si me atrai! A pequena Hóstia inerte tornou-se a meus olhos tão vasta como o Mundo, tão devoradora como um braseiro. Domina-me de toda a parte. Quer fechar-se sobre mim.

Uma inesgotável e universal Comunhão termina a consagração universal.

Não poderia, Senhor, furtar-me a tanto poder, e a ele me entrego com beatitude.

Confio-me em primeiro lugar, meu Deus, às forças gerais da matéria, da vida, da graça. O Oceano de energias incontroláveis para a nossa fraqueza, no seio do qual vogamos, quase incapazes de nos orientarmos e de bordejarmos um pouco – ei-lo tornado para mim o manto benfazejo da vossa acção criadora. Aquilo que está «in nobis sine nobis», tão grande em mim que a minha liberdade aí parece afogada, sinto-o quente, animado, carregado da virtude organizadora do vosso Corpo, Jesus.

Por tudo o que subsiste e ressoa em mim, por tudo o que me dilata por dentro, me excita, me atrai ou me fere de fora, me trabalhais, Senhor; – modelais e espiritualizais a minha argila informe; – transformais-me em Vós...

Para vos apoderardes de mim, meu Deus, vós que sois mais distante que Tudo e mais profundo que Tudo, utilizais e aliais a imensidade do Mundo e a intimidade de mim próprio.

Sinto chegar ao mais secreto do meu ser o esforço total do Universo.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Várias vezes o Padre Teilhard aplica assim a Cristo a fórmula de S. Paulo sobre a imensidade divina. Está no direito de o fazer, dada a doutrina pauliniana, e tradicional, sobre a função cósmica de Cristo ressuscitado. Cf. *supra*, nota 2. Ver também, por exemplo, Bérulle, *Discours le l'état et des grandeurs de Jesus*, discurso 2: «A Terra da nossa humanidade viva em Jesus Cristo... é um novo centro do universo para o qual tende toda a criatura espiritual e corporal...» (5.<sup>a</sup> ed. 1639, pp. 152-153); *A vida de Jesus*, discurso 1, n. 21: «A Terra e o Céu, a Graça e a Natureza, vos fita e para vós tende como para o seu Todo e o seu Centro» (3.<sup>o</sup> ed. 1630, p. 29). Cf. Teilhard, *A Vida cósmica* (1916), *in fine*: «Jesus, centro em direcção ao qual tudo se move...»

<sup>19</sup> Note-se a tripla ideia contida neste parágrafo: 1. Papel imenso das passividades; – 2. Transformação de todas as coisas operadas pela fé, que em toda a parte vê a mão de Deus (cf. *Forma Christi*, 3; *Le Milieu divin*, pp. 170-171; etc.); –



A essas benditas passividades, não me abandono passivamente, Senhor; mas a elas me entrego, e favoreço-as com todas as minhas forças.

O poder vivificador da Hóstia, bem o sei, choca com o nosso livre arbítrio. Quer eu cerre a entrada do meu coração, e permaneça nas trevas — não só a minha alma individual, mas todo o Universo, na medida em que esse Universo actue para manter o meu organismo e despertar o meu conhecimento, na medida em que também eu actuo sobre ele para dele extrair as sensações, as ideias, a moralidade dos actos, a santidade da vida. — Quer eu *queira*, pelo contrário: imediatamente, por intermédio da minha intenção pura<sup>20</sup>, o Divino enche o Universo, na medida em que este está centrado em mim. Porque me tornei, graças ao meu consentimento, parcela viva do Corpo de Cristo, tudo o que em mim influi serve finalmente para desenvolver Cristo. Cristo invade-me, a mim e ao *meu* Cosmos.

Oh Senhor, desejo que assim seja.

Que a minha aceitação seja cada vez mais completa, mais ampla, mais intensa!

Que o meu ser se apresente cada vez mais aberto, mais transparente, à vossa influência! E que deste modo sinta a vossa acção cada vez mais próxima, a vossa presença cada vez mais densa, em toda a parte em redor de mim.

«Fiat, Fiat.»

Para favorecer a vossa acção, por todas as coisas, farei mais em mim, meu Deus, do que abrir-me e oferecer-me às passividades da existência. Associar-me-ei com fidelidade ao vosso trabalho sobre o meu corpo e a minha alma. Esforçar-me-ei por seguir e prevenir os vossos mais pequenos impulsos. Oh! se eu pudesse resistir-vos tão pouco, Mestre, que já não conseguísseis, por assim dizer, distinguir-me de Vós!... tão perfeitamente estaríamos unidos na comunhão da Vontade!<sup>21</sup>

Mesmo essa flexibilidade perfeita, Senhor, não seria ainda tudo o que esperais de mim. Com efeito, não esgotaria a riqueza positiva da minha actividade. Não atingiria senão o *formal* — não o *material* — da minha operação. Ora, é todo o meu ser que desejais, Jesus, o fruto com a árvore, o trabalho produzido, além da energia dominada — o *opus* com a *operatio*<sup>22</sup>. Para mitigar a vossa fome e a vossa sede, para alimentar o vosso corpo até ao

---

3. Transcendência e imanência divina: «Mais distante que tudo e mais profundo que tudo» (cf. *L'Energie humaine*, 1937, em *Ceuvres*, v. 6, p. 183; etc.).

<sup>20</sup> Em *Le Milieu divin*, o Padre Teilhard acentuará esta necessidade da «pureza de intenção» (p. 166); «Não há limite, dirá ainda, *quanto à intenção* que anima o esforço para agir ou para aceitar: visto que podemos avançar sempre mais na perfeição interior da conformidade. Sempre mais desapego. Sempre mais amor.» Cf. nota 20, e as cartas do Pe. Teilhard ao P.e Auguste Valensin, publicadas em *Archives de philosophie*, 1961.

<sup>21</sup> Observe-se que o tipo de união mais forte aqui concebido é «a comunhão da Vontade»: o mesmo sucede com S. Bernardo e St.º Inácio de Loiola. Cf. S. Bernardo, *De diligendo Deo*, c. 15, n. 39 (*Opera*, v. 3, 1963, p. 153), etc., apresentando na união do querer a realização do «*unus spiritus*» de S. Paulo em *1 Cor.*, Vr, 17.

<sup>22</sup> O Padre Teilhard considera que a intenção posta na *operatio* (o acto) é insuficiente e se arrisca mesmo a desnaturar-se, se não se interessar pelo *opus* (obra) que deve normalmente ser o seu fruto. Cf. *le Milieu divin*, pp. 39-40:

seu pleno desenvolvimento, tendes necessidade de encontrar entre nós uma substância que possais consumir. Esse alimento pronto a ser transformado em vós, esse suporte da vossa Carne, prepará-lo-ei para vós libertando em mim, e em toda a parte, o *Espírito*.

- o Espírito, pelo esforço (mesmo natural) para saber o verdadeiro, para viver o bem, para criar o belo...
- o Espírito, pela separação dos poderes inferiores e maus...
- o Espírito, pela prática social da Caridade, única qualidade capaz de concentrar a multitude numa alma única...

*Promover, por pouco que seja, o despertar do Espírito no Mundo, é oferecer ao Verbo Encarnado um acréscimo de realidade e de consistência, é permitir à sua influência que se adense em redor de nós.*

Que quer isto dizer, Senhor, se não que por toda a amplidão e densidade do Real, por todo o seu Passado e todo o seu Futuro, por tudo o que experimento e tudo o que faço, pelas sujeições, as iniciativas e a própria obra da minha vida, posso alcançar-vos, unir-me a vós, e progredir indefinidamente nessa união!

O triplo sonho do amor, realizai-lo com inaudita plenitude, pela vossa Encarnação: — envolver-se no Objecto amado até nele se ser afogado — intensifica incessantemente a sua presença — perder-se nele sem chegar à saciação...

Que a substancial e mortificadora influência de Cristo se expanda cada vez mais em todos os seres e a partir deles se funda sobre mim para me vivificar!...

Que o contacto temporário e circunscrito com as espécies sacramentais me introduza numa comunhão universal e perpétua com Cristo, a sua vontade omni-actuante, o seu Corpo místico ilimitado!...

*Corpus, sanguis Domini nostri Jesu Christi custodiant animam meam in vitam aeternam. Amen.*

---

«É já muito poder pensar que, se amamos Deus, algo jamais será perdido da nossa actividade interior, da nossa *operatio*. Mas o próprio trabalho dos nossos espíritos, dos nossos corações e das nossas mãos — os nossos resultados, as nossas obras, o nosso *opus* — não será, também ele, de certa forma, «eternizado», salvo?» E na p. 48: «Cada homem, no decurso da sua vida presente, não deve apenas mostrar-se obediente, dócil. Pela sua fidelidade, deve *construir*, começando pela zona mais natural de si próprio uma obra, um *opus*...-»

#### 4. O APOSTOLADO

*Quid retribuam Domino...*

Agora, meu Deus, que em e por todas as coisas me unistes a Vós, já me não pertencço. Mas, segundo a lei de toda a plenitude num Universo ainda múltiplo e exteriorizado [difuso], devo, como a vida adulta e a chama ardente, propagar o fogo que vós me comunicastes.<sup>23</sup>

A uma luz gradualmente crescente, mostrais-me, cada vez mais claramente, o vosso Corpo (individual e sacramental) envolvendo-se numa «coroa» de pó vivo, tão vasto como o próprio mundo – e, sob a acção do vosso eflúvio espiritualizado, a parte eleita desse pó concentrar-se no vosso Seio enquanto o resto é repellido para os caminhos da noite...<sup>24</sup>

Vejo a vossa Carne prolongar-se no Universo inteiro e nele se misturar, de forma a dele extrair todos os elementos utilizáveis. Não há átomo que não forneça o seu tributo à vossa Totalidade, mesmo que seja em seguida eliminado.

Apercebo-me, enfim, de que toda a perfeição, mesmo natural, é a base necessária do organismo místico e definitivo que edificais por meio de todas as coisas. Não destruíis os seres que adoptais, Senhor. Mas transformai-os conservando tudo o que séculos de criação elaboraram neles de bom.<sup>25</sup>

= Universalidade da vossa atracção divina, e valor intrínseco da nossa operação humana – anseio, meu Deus, por espalhar esta dupla revelação que me fazeis, e por a realizar.

Todo o padre, por ser padre, dedicou a sua vida a uma obra de salvação universal. Se tem consciência da sua dignidade, não deve viver mais para si, mas para o Mundo seguindo o exemplo d’Aquele, para representar o qual foi ungido.

Para mim, Jesus, parece-me que esse dever apresenta uma urgência mais imediata e um significado mais preciso, que para muitos outros, bem melhores que eu.

Inúmeros são os cambiantes do vosso chamamento! Essencialmente diversas as vocações!...

As regiões, as nações, as categorias sociais, tiveram cada qual os seus Apóstolos.

Desejaria ser, eu, Senhor, pela minha humilde parte, o apóstolo, e (será ousadia dizê-lo) o evangelista *do vosso Cristo no Universo*. – Desejaria, pelas minhas meditações, pelas minhas palavras, pela prática de toda a minha vida, descobrir e pregar as relações de continuidade que fazem, do Cosmos onde nos agitamos, um meio divinizado pela

---

<sup>23</sup> «Fogo», ver a nota 28 do *Meio Místico*.

<sup>24</sup> Mais uma alusão às penas eternas. Aparece aqui a mesma imagem, mais sòbriamente expressa, que em *L’Ostensoir* (nota 13 a *L’Ostensoir*).

<sup>25</sup> Este parágrafo exprime simultaneamente a distinção e a união da natureza e do sobrenatural.

Encarnação, divinizador pela comunhão, divinizável pela nossa cooperação.  
*Levar Cristo, por ligações propriamente orgânicas, até ao seio das Realidades reputadas como mais perigosas, mais naturalistas, mais pagãs, eis o meu evangelho e a minha missão.*  
Não seria, Senhor, a reconciliação de Deus com o nosso século, se os homens vislumbrassem, em cada um deles, um elemento do Pleroma! se compreendessem que o Universo, na sua opulência natural e no seu realismo impressionante, se não completa senão em Cristo; e que Cristo, por seu turno, se não alcança senão através do Universo levado até aos limites das suas faculdades!... <sup>26</sup>

Àqueles a quem o Real seduz pelos seus tesouros e subjuga com a sua iminência, quero pois mostrar a Vida do Senhor Jesus circulando em todas as coisas – verdadeira Alma do Mundo.

Àqueles a quem fascina a nobreza do esforço humano, quero afirmar, em nome de Cristo, que o trabalho dos homens é sagrado, sagrado na vontade que submete a Deus e sagrado na grande obra que elabora, no decurso das suas infinitas tentativas: a libertação natural e sobrenatural do Espírito.

Àqueles que são frouxos, tímidos, pueris ou mesquinhos na sua religião, quero recordar que o desenvolvimento humano é requerido por Cristo para o seu Corpo, e que há, em relação ao Mundo e à Verdade, *um dever absoluto de Procura.* <sup>27</sup>

Se disso me julgais digno, Senhor.

–àqueles cuja vida é banal e baça, descobrirei os horizontes ilimitados do esforço humilde e ignorado que pode, movido por uma intenção pura, acrescentar à perfeição do Verbo encarnado mais um elemento – elemento *sentido* por Cristo e associado à sua imortalidade; <sup>28</sup>

–àqueles que triunfam e são felizes, repetirei que o seu sucesso tem um alcance infinitamente mais elevado que a satisfação da sua pequena personalidade. Podem e devem congratular-se – mas em Cristo, cuja plenitude exige uma certa perfeição nas suas naturezas. E ensinar- -lhes-ei, a esses, a distinguir, mesmo na sua alegria, paralelamente com o egoísmo que concentra e do sensualismo que saboreia, uma *força* de bem-estar e de expansão utilizável para a actividade da sua alma, em Deus;

---

<sup>26</sup> Toda esta página mostra a consciência que o Padre Teilhard tinha do carácter especial da sua vocação, bem como a importância apostólica que lhe conferia. Meditando, no quarto dia do seu retiro anual de 1940, sobre o mistério da Epifania, anotará: «Epifania. *Stella: Jesus-Maria.* Graça: seguir a *minha* luz, vocação especial.»

<sup>27</sup> A esse dever, referiu-se o P.e Teilhard mais de uma vez. Cf. referências em *La Pensée religieuse...*, pp. 32-33. Pôs o leitor também de sobreaviso em relação a uma certa «mística da Procura» que julga bastar-se a si própria: *Réflexions sur le bonheur* (1943), em *Cahiers*, v. 2, p. 69.

<sup>28</sup> Os simples não são esquecidos, assim como o valor da «intenção pura» não é desprezado. O mesmo sucederá em *Le Milieu divin*, que expõe uma doutrina espiritual para uso de todos os cristãos. Ver também *infra*, p. 334.

–àqueles que sofrem e choram, sobretudo, repetirei que a forma mais directa de utilizar a nossa vida é deixar Deus, quando Ele assim o desejar, descer em nós, e, pela morte, substituir-nos .<sup>29</sup>

Sabei-lo, meu Deus, que o Mundo me já não aparece marcado pelos traços da sua multiplicidade.<sup>30</sup>

Quando o contemplo, vislumbro sobretudo nele um reservatório ilimitado onde as duas energias contrárias da alegria e do sofrimento se acumulam em quantidades imensas — na sua maioria por utilizar.

Essa massa hesitante e agitada, vejo-a percorrida por correntes psíquicas poderosas, formadas por almas arrebatadas pela paixão pela Arte e o Eterno Feminino — a paixão pela ciência e pelo Universo dominado — a paixão pela autonomia individual e pela Humanidade liberta.

E essas correntes, por vezes, debatem-se em terríveis crises. Borbulham no esforço para se equilibrarem.

Que glória para vós, meu Deus, que afluxo de vida para a vossa Humanidade, se todo esse poder espiritual se harmonizasse em vós!

Senhor, sonho ver extraído de tantas riquezas, não utilizadas ou pervertidas, todo o dinamismo que elas contêm. — Colaborar nesse trabalho, eis a obra a que quero consagrar-me !

Na medida das minhas forças, *porque sou padre*, quero doravante ser o primeiro a tomar consciência do que o Mundo ama, pretende, sofre; — o primeiro a procurar, a simpatizar, a pensar ; — o primeiro a expandir-me e a sacrificar-me — mais amplamente humano, e mais nobremente terrestre que qualquer servidor do Mundo.

Quero, por um lado, mergulhar nas Coisas; e misturando-me a elas, delas extrair, pela posse, até à última parcela, ò que contêm de vida eterna — a fim de nada se perder. E quero, ao mesmo tempo, pela prática dos conselhos, recuperar na renúncia tudo o que de chama celeste encerra a tripla concupiscência — santificar, na castidade, pobreza, obediência, o poder incluído no amor, no ouro e na independência.

Eis por que os meus votos, o meu sacerdócio, os revesti (é essa a minha força e a minha felicidade) de um espírito de aceitação e de divinização dos Poderes da Terra. <sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> Cf. *supra*, nota 13. O pensamento do P.® Teilhard volta sempre a incidir sobre a morte. Cf. *Le Milieu divin*, pp. 112-113: «Para todos, aliás, o caminho desemboca no mesmo ponto: a espoliação final pela morte, que acompanha a refundição, e preludia a incorporação final *in Christo Jesu*.»

<sup>30</sup> O mesmo pensamento em *Note sur l'Élément universel* (em apêndice a *Forma Christi*) : «Aquele a quem é dado... ver Cristo *mais real* que qualquer outra realidade do Mundo..., esse vive verdadeiramente numa zona onde não chega a perturbação de qualquer multiplicidade...» Cf. carta de 24 de Dezembro de 1915, evocando «a bendita unidade de Deus, que **tudo e todos atinge, sem riscos e sem remissão**» (*Genèse d'une pensée*, p. 105).

<sup>31</sup> Dupla evocação da ordenação sacerdotal e da profissão religiosa, cujo pensamento inspirou todo este opúsculo. Duplo resumo, do método apologético e da dialéctica espiritual que caracterizam o pensamento teilhardiano. Sob a acção de Cristo, discernimento de todas as coisas para Nele recolher a «parte eleita».

Agora mesmo, meu Deus, ofereci o meu sacrifício «sobre todas as coisas». E na verdade o meu desejo e a minha oração estendiam-se então a todo o Cosmos, de que sois a plenitude, oh Jesus!

Nada excluía da minha intenção. E no entanto o meu olhar dirigia-se de preferência para a zona austera da frente de batalha onde os homens, junto a mim, lutam e se matam há quatro anos.

Existiu jamais, meu Deus, uma Humanidade mais semelhante, no seu sangue, a uma vítima imolada — mas apta, na sua agitação interna, às transformações criadoras — mais rica, nos seus arrebatamentos, em energia santificável — mais próxima, na sua angústia, da suprema comunhão?...

Oh Padres que estais na guerra, se há, entre vós, alguns a quem desconcertam uma situação tão imprevista, a ausência de missa ou o ministério não cumprido, lembrai- -vos que além dos sacramentos a conferir às pessoas, acima dos cuidados prestados às almas isoladas, tendes uma função universal a realizar, a oferta a Deus do Mundo *inteiro*.

Excedendo o pão e o vinho que a Igreja pôs nas vossas mãos, a vossa influência foi feita para se estender à imensa hóstia humana, que espera que passe alguém que a santifique. Tendes o poder — pela vossa ordenação — de consagrar, de uma forma real, na carne e no sangue de Cristo, os sofrimentos que vos rodeiam, e nos quais o vosso carácter vos ordena que participais.

Sois o fermento espalhado pela Providência em toda a extensão da «Frente», para que, mesmo *exclusivamente pela acção da vossa presença*, a massa enorme do nosso labor e das nossas angústias seja transformada.

Nunca fostes mais padres que agora, enredados e submersos como estais, na dor e no sangue de uma geração — nunca mais activos — nunca mais directamente dentro da linha da vossa vocação.

Obrigado, meu Deus, por me terdes feito padre — *para a Guerra!*

Não ousou, Senhor, de tal modo me sinto fraco, pedir- -vos para participar nessa Beatitude. Mas vejo-a claramente, e proclamá-la-ei.

«Felizes daqueles, de entre nós, que, nestes dias decisivos da Criação e da Redenção, são escolhidos para este acto supremo, coroamento lógico do seu sacerdócio: comungar até à morte com Cristo que nasce e sofre no género humano!

8 Julho 1918.

---